

**O POVO XAVANTE E SUA LUTA
POR UM SISTEMA DE ENSINO
DE QUALIDADE DIFERENCIADA**

Xisto Tsereshi'ru

xisto.xavante@bol.com.br

Professor da educação básica, formado em licenciatura em Ciências Sociais pela Universidade de Estado de Mato Grosso.

Comecei a lecionar nos anos 90 como professor leigo¹. Até então, não tinha intenção de trabalhar em sequência pedagógica. Em 1995 fui contratado pela prefeitura de Barra do Garças/MT, o qual mantém escolas em sua rede municipal. Fui inserido em um projeto do governo estadual intitulado como *Projeto Tucum*, para formação de professores indígenas em nível de magistério. Nele tive a oportunidade de aprender o trabalho de desenvolvimento pedagógico.

Tomar conhecimento da sequência pedagógica contribuiu para minha prática, apresentando-se como um norte em meu trabalho. No entanto, essa sequência não estava de acordo com o ritmo de aprendizagem psicológica do aluno indígena. Para isso, eram necessárias ações nas esferas das políticas públicas a níveis nacional, estadual e municipal. Esses impasses foram discutidos na Organização dos Professores Indígena no Estado de Mato Grosso-OPRIMT, ocasião em que estava como vice-presidente. Nessas discussões tomei como base minha experiência na educação indígena enquanto professor, coordenador pedagógico das escolas indígenas da rede municipal e estadual, diretor da escola estadual, professor articulador, e assessor técnico pedagógico na Secretaria de Educação de Mato Grosso (SEDUC-MT).

Nossa reivindicação é por uma escola que considere a cultura Xavante e seus aspectos fundamentais como a espiritualidade que nos rege², nossa concepção de sujeito e da noção de tempo cronológico e do desenvolvimento *A'uwê*³.

A escola é apenas um prédio onde se difunde os saberes, que são extensões dos saberes que se aprendem em casa. Chamamos também a atenção para o aspecto arquitetônico da escola. Ao contrário da disposição tradicional em fileiras, nossas necessitam de um formato circular, de modo a valorizar a oralidade de seus integrantes. O que é mais importante, a qualidade do ensino ou formato de salas quadradas dela? Estamos discutindo com a SEDUC sobre um modelo arquitetônico mais adequado. A escola faz parte do *Warã*⁴. A escola não pode ficar desarticulada da organização espacial da aldeia. Ela deve ficar em um local que não receba interferências sonoras externas, mas que não fiquem tão distante da comunidade para que ela também tenha acesso para participar das atividades.

Em nosso Projeto Político Pedagógico temos discutido a questão de tempo, espaço escolar e de como garantir uma educação diferenciada. O tempo de horas aula (quatro horas) não tem se mostrado eficiente para nós. É uma estrutura estranha porque vem de fora e desconsidera a noção de tempo de nosso povo⁵. Por isso fomos questionados pelos anciãos pelo tempo/horas aula que nós queremos. O tempo de horas aula que foi imposto tem influenciado o comportamento dos jovens de várias formas, entre outras coisas como o uso do uniforme, por exemplo.

Convém notar que a dieta alimentar modificou-se completamente. Muitos estão hipertensos em decorrência do sedentarismo. Muitos estão deixando hábitos alimentares em troca de consumir alimentos que não sabem como foram preparados.

Outro aspecto que não é considerado pela escola que nos é imposta é a participação das crianças na vida social da aldeia. É comum as crianças faltarem aulas na época das frutas de murici, buriti e caju e é de bom senso não punir os alunos por causa disso porque estão aprendendo também⁶.

Quanto ao conteúdo do ensino, trabalhamos com a concepção eurocêntrica, ensinando nossos alunos conhecimentos dos não índios desde cedo na escola. Não temos materiais didáticos específicos voltados para a realidade da comunidade Xavante. É vital trabalharmos conteúdos de acordo com a realidade Xavante.

Foto: arquivo pessoal.



Articulação política com a Secretaria de Educação de Mato Grosso realizada no início deste ano.

Acreditamos que as aulas nas escolas indígenas devem ser ministradas na língua materna, pois muitos alunos relatam que não conseguem assimilar o conhecimento em duas línguas. A escola organizada em ciclos traz desvantagens para nós porque muitos alunos passam de ano sem adquirir o conhecimento necessário para seu crescimento individual. A escola organizada por ciclo tem dificultado bastante o nosso trabalho.

As leis precisam ser cumpridas, garantindo os direitos e deveres constitucionais e o resguardo às formas de ensino e aprendizagem tradicional, do sistema de formação humana *A'uwe Uptabi*⁷ e ao mesmo tempo garantir aos estudantes e profissionais da educação o acesso aos conhecimentos e bens tecnológicos do mundo atual.

Queremos ajudar a formar um aluno que respeite e vivencie as crenças e a identidade *A'uwẽ Uptabi* Xavante, participe da organização da comunidade, que busque os conhecimentos *A'uwẽ*, que produza histórias escritas na língua *A'uwẽ Uptabi*. Entendemos que para além do conhecimento tradicional, nossos alunos precisam aprender conteúdos não indígenas e das relações interculturais: línguas, comércio, financeiro, artes, história geral, todas as ciências, tecnologia e demais conhecimentos da cultura global.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Hoje contamos com cerca de 20 mil indígenas Xavante, distribuídos por mais de 300 aldeias localizadas no estado de Mato Grosso. Precisamos de um sistema educacional que valorize e preserve nossa cultura. O sistema de ensino que dispomos hoje está assentado em bases da cultura dos brancos, com valores distintos da visão de mundo de nosso povo.

Nosso maior desafio no campo da educação escolar indígena é conseguir um ensino de qualidade diferenciada, no sentido de atender as comunidades indígenas e o modo de vida Xavante. Entendemos que essa reivindicação está para além das salas de aula, tem a ver com espaços de voz, escuta e respeito às questões indígenas.

NOTAS

1 - Refiro-me ao professor que não tem formação em magistério, mas que entra em sala de aula com a bagagem adquirida na própria experiência de vida.

2 - No sentido de visão de mundo, da relação do homem com a natureza.

3 - Ser humano na língua Xavante.

4 - Centro da aldeia, centro de discussão.

5 - Temos dificuldade para contar o tempo. Pensamos o tempo como cotidiano. Temos marcadores de tempo como o canto dos pássaros, o ciclo de permanência do sol durante o dia e das estrelas as constelações, e da época de chuva (*tsiruru*). Tempo na nossa interpretação é o dia-a-dia da aldeia, que está no espaço e esse tempo é calculado pelo ciclo lunar, tempos de sequencias prolongadas em meses. O dia-a-dia é calculado pelo movimento do nascer e do pôr do sol, e o que se consegue realizar dentro desse período. As pausas do dia são determinadas pela localização do sol e pelo calor. O dia é dividido em matutino e vespertino. As atividades são apropriadas para cada período do dia. Por exemplo: aquelas que exigem maior desgaste físico, acontece pela manhã. As mulheres no período da manhã se dedicam às atividades de mais exigência física: buscar lenha etc, no período da tarde se dedicam mais aos cuidados dos filhos e dos netos. As atividades escolares são mais frequentes de manhã. O tempo limitado da escola influencia no comportamento, no jeito dos jovens. Nosso cotidiano está dentro do horário definido da escola. O tempo definido para o I ciclo está adequado para as crianças pequenas, mas para os demais não. Precisamos discutir com os mais velhos e com a comunidade toda, sobre a melhor proposta para atender a todos.

6 - A pedagogia Xavante busca ensinar as crianças pela experiência e observação, por isso levamos as crianças para participarem das atividades do dia a dia de nosso povo.

7 - Povo verdadeiro, autêntico.

COMO CITAR ESTE ARTIGO

Tsereshi'ru, Xisto. (2019). O povo Xavante e sua luta por um sistema de ensino de qualidade diferenciada. **Pathos: Revista Brasileira de Práticas Públicas e Psicopatologia**, v.9 (2), 33-38.

RECEBIDO: 23/03/19.

APROVADO: 25/04/19.